

Não há líderes universais: reflexões sobre a liderança de Donald Trump

Não há líderes que representem todos, sem exceção. Os líderes sempre representam um grupo social específico: um partido político, uma religião ou um movimento social. Quanto mais eles são amados por insiders, mais tão adoração parece bizarra e inexplicável para outsiders – até o ponto **bwine f7** que frequentemente rejeitamos seguidores devotos como delirantes ou censuráveis de alguma forma. Pense **bwine f7** Margaret Thatcher, ou Jeremy Corbyn, ou Boris Johnson.

Mas talvez o maior enigma da política contemporânea seja sobre Donald Trump – um homem que desperta febre messiânica e revulsão **bwine f7** igual medida. Um mentiroso e serial infiel apoiado por evangélicos; um criminoso apoiado por entusiastas da "lei e da ordem"; um homem que se vangloria de abusar de mulheres e ainda assim foi eleito com a maioria de votantes mulheres brancas; um bilionário que gosta de posar no elevador dourado de seu arranha-céu **bwine f7** Nova York enquanto também se posiciona como o campeão da classe trabalhadora. Como é que qualquer um disso faz sentido? No entanto, ao mesmo tempo, como Kamala Harris – se, como é quase certo, for coroada a candidata democrata – pode esperar vencer **bwine f7** novembro a menos que ela seja capaz de fazer sentido disso?

O problema é que essa é a perspectiva de outsiders. Eles supõem os grupos e identidades (religião, gênero, classe) pelos quais as pessoas vêem Trump. Eles supõem, por exemplo, que as mulheres votam como mulheres com base nos interesses das mulheres **bwine f7** vez de explorar as perspectivas e identidades pelas quais os seguidores e Trump ele mesmo definem seus interesses. Isso é, como eles dividem o mundo **bwine f7** "nós" e "eles".

Como argumentamos nos nossos livros *The New Psychology of Leadership*, líderes eficazes têm que ser habilidosos "empreendedores de identidade". E, seja amado ou detestado, Donald Trump está à beira do poder (novamente) porque ele é um incrível empreendedor de identidade.

A visão de Trump de "nós" e "eles"

A visão de Trump de "nós" e "eles" está mais clara **bwine f7** seu Argumento para a América, o anúncio com o qual ele encerrou **bwine f7** bem-sucedida campanha presidencial de 2024. É bastante convincente, de forma semelhante a algo que você sabe que é ruim para você, mas você não pode se afastar disso. Ele é totalmente repetitivo, como um tambor, organizado **bwine f7** torno de uma antagonismo entre "o estabelecimento" e "o povo americano", culminando na asserção: "Eu estou fazendo isso pelo povo e pelo movimento, e tomaremos este país de volta para você e faremos a América grande novamente."

Essa contraste entre "o estabelecimento" e "o povo" é, claro, um trópico populista clássico. A versão de Trump é distintiva **bwine f7** três aspectos. O primeiro é a elasticidade de "o estabelecimento", que inclui estrangeiros (chineses, imigrantes, globalistas), políticos convencionais (o "pântano" de Washington) e qualquer um que se opõe a ele (a mídia, juízes, cientistas). O segundo é **bwine f7** asserção autocrática de agência. Ao contrário do empoderador "sim, nós podemos" de Obama, Trump implica que as pessoas não podem superar o estabelecimento sozinhas. Eles precisam dele como seu salvador. Trump é mais "sim, eu posso". O terceiro é que "o povo" é definido **bwine f7** termos nacionais/culturais (e implicitamente raciais) **bwine f7** vez de termos de classe.

Isso último é crítico porque permite a Trump usar **bwine f7** grande riqueza para se conectar a si mesmo ao povo **bwine f7** vez de servir para distanciá-lo. Ele e **bwine f7** família são retratados como homens comuns "rudes e prontos" cujo sucesso exemplifica o sonho americano. E não é apenas que ele BR **bwine f7** riqueza para se tornar "um de nós". Também lhe permite reivindicar que ele trabalha "pelo povo" enquanto seus oponentes podem ser comprados e estão "controlados completamente pelos lobistas, pelosadores e pelos interesses especiais". Em seu discurso de anúncio da candidatura presidencial de 2024, Trump afirma que ele, **bwine f7** vez disso, recusou um empréstimo de R\$4bn de um grande banco, sinalizando **bwine f7** suposta independência de interesses corporativos. Sua riqueza garante que ele trabalhará pelo povo e que entregará o povo de seus inimigos. Ele é o que eles estavam esperando para fazê-los grandes novamente: um complexo de messias reforçado pela tentativa recente de assassinato e a resposta defiante de Trump a isso.

O sucesso de Trump não é apenas uma questão do que ele diz, mas também do que ele faz. E isso nos leva a um aspecto crucial do enigma de Trump. Como é que suas más declarações inúmeras, seu discurso grosseiro, **bwine f7** presença sombria, seus delírios e suas inúmeras infrações não o destroem, como fizeram outros candidatos? A resposta é que se você se define **bwine f7** contraste com a classe política, o quebrar das regras da política afirma **bwine f7** identidade. Mostra: "Eu não sou um deles – sou um de nós." Um pouco grosseiro, talvez. Um pouco às voltas com as arestas. Mas claramente um dos nossos.

Trump e a política de transgressão

Em suma, Trump prospera devido, não apesar, de suas violações. Cada vez que ele é repreendido por elas, ele simplesmente duplica por rejeitar seus críticos (sejam jornalistas, advogados ou juizes) como parte do estabelecimento – uma política radicalizante cada vez mais radical de transgressão. Além disso, **bwine f7** vez de se envergonhar das críticas e sanções subsequentes, ele e muitos de seus apoiadores a ostentam como prova de que eles estão dispostos a sofrer ataques do estabelecimento **bwine f7** nome do povo. "Criminoso" torna-se um distintivo de honra, e "apoio ao criminoso" torna-se um meme popular.

O sucesso de Trump **bwine f7** 2024 foi **bwine f7** parte devido ao fato de que ele entendeu (e explorou) esses processos de liderança de identidade e Hillary Clinton não. De fato, ao rotular os apoiadores de Trump "deploráveis", ela reforçou sua narrativa de desprezo da classe política pelas pessoas comuns. A questão ardente para 2024 é se Kamala Harris tem alguma mais perspicácia no apelo de Trump e pode abordar a profunda desilusão com a classe política e desafiar a reivindicação de Trump de ser de, e entregar para, o povo.

Sean Baker ganó la Palma de Oro en el Festival de Cine de Cannes con su película "Anora"

Anora, una historia trágica y cómica de Cenicienta moderna sobre una stripper que se casa con un multimillonario, dirigida por el director estadounidense Sean Baker, ganó el codiciado premio Palma de Oro en el 77^o Festival de Cine de Cannes.

Baker, de 53 años, dedicó el premio a "todos los trabajadores sexuales del pasado y del presente" al aceptar el honor frente a una audiencia de estrellas reunidas en el Palais des Festivals en la Costa D'Azur.

Y para Baker, realmente fue un premio codiciado. "Este literalmente ha sido mi único objetivo como cineasta durante los últimos 30 años", dijo, agradeciendo a su actriz principal Mikey Madison, quien interpreta a Ani, una prostituta de Brooklyn cuya vida cambia de un cuento de hadas a una pesadilla después de conocer al hijo de un oligarca ruso que quiere hacerla su esposa.

Un premio merecido

Greta Gerwig, quien presidió el panel que juzgó el premio principal de la película, elogió la humanidad en Anora al declararlo el ganador. "Capturó nuestros corazones y nos hizo reír y luego rompió nuestros corazones", dijo la directora de Barbie.

La importancia del cine

Baker admitió que estaba temblando y luego habló con pasión sobre la importancia de ver películas en el cine en lugar de en una pantalla de teléfono o en casa.

[best vip aposta online](#) grafía: Andreea Alexandru/Invision/AP

Anora había sido favorita para ganar el premio, aunque tuvo algo de competencia de un improbable musical español, Emilia Pérez, dirigido por el cineasta francés Jacques Audiard. La película no ganó la Palma, pero fue reconocida con la inusual elección de dar el mejor premio de actuación a un conjunto de reparto femenino, incluida la primera actriz trans en ser honrada con este premio. Karla Sofía Gascón compartió su premio con las estrellas coprotagonistas Adriana Paz, Zoe Saldaña y Selena Gomez. El mejor actor fue para Jesse Plemons, quien protagonizó junto a Emma Stone en la brutal antología de películas Kinds of Kindness de Yorgos Lanthimos. El Gran Premio fue para una joven directora india de 38 años, Payal Kapadia de Mumbai, quien recibió su premio de Viola Davis por su película All We Imagine As Light.

Miguel Gomes ganó el mejor director por Grand Tour, mientras que el director iraní Mohammad Rasoulof, quien huyó una sentencia de prisión en su tierra natal para asistir al festival, recibió un premio especial en reconocimiento a su valentía y su película, The Seed of the Sacred Fig.

La directora francesa Coralie Fargeat había sido considerada en la contienda por el premio principal con su película estadounidense The Substance, protagonizada por Demi Moore y Margaret Qualley, pero al final se fue de la ceremonia sosteniendo el premio por el mejor guión en reconocimiento a su conmovedora historia feminista sobre la cruel política de envejecimiento para una mujer en el ojo público.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: bwine f7

Palavras-chave: **bwine f7 - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-08-11